

Congresso *Turismo parlamentar*

A tualmente não se faz uma política externa com eficiência sem a participação do Congresso. A Constituição obriga a interveniência parlamentar nos principais atos interestatais e, além disso, o encolhimento do mundo pela rapidez das comunicações e generalização do comércio tornou tênue a linha que antes separava nitidamente a política doméstica dos negócios estrangeiros.

Deputados e senadores têm, portanto, o dever de ofício de se inteirar de fatos e tendências que, produzidos no Exterior, terão inevitável repercussão sobre a vida nacional. Alguns países chegam mesmo a incluir no mínimo um parlamentar nas delegações diplomáticas que negociam acordos importantes. Objetiva-se, com isso, ampliar a representatividade do conjunto, pela participação de membro do Legislativo, como também enriquecer o posterior debate parlamentar sobre a matéria-negociada com o testemunho do congressista que presenciou as negociações.

A participação de parlamentares nos atos da política externa de um país, como se vê, é coisa séria e de proveito, quando tratada séria e eficientemente. Caso contrário, é exercício de futilidade, carícia de vaidades ou mesquinha locupletação. Não é necessário grande esforço de imaginação para se localizar na última dessas duas categorias a participação de parlamentares brasileiros como membros da delegação que o governo brasileiro enviou à 49ª Assembléia-Geral da Organização das Nações Unidas.

São 30 deputados e 9 senadores que estão em Nova York por duas semanas, ganhando cada um, além das despesas de viagem, diárias de US\$ 300, o que faz US\$ 4.500 per capita. É dinheiro que sai das escassas verbas do Ministério das Relações Exteriores e não reclamamos que seja gasto. O que agride é a forma como é gasto.

São 39 parlamentares soltos em Nova York, sem qualquer compromisso ou obrigação, fazendo o que bem entendem, ainda que possam se instruir sobre os fatos e tendências da política e da economia internacionais, se se interessarem, pedirem e seguirem as indicações

do pessoal diplomático da missão brasileira junto à ONU. É gente demais para obrigação de menos. É tanta gente que cada um que quiser fazer a sua gazeta pode se sentir à vontade para uma saída à francesa. Reduza-se este jamboree a

dois grupos de quatro ou cinco deputados e um ou dois senadores, cada um visitando os Estados Unidos por duas semanas, com um vasto, intenso e útil programa de encontros, visitas e entrevistas, e o di-

nheiro público estaria muito bem gasto. Melhor dizendo, o dinheiro público estaria sendo investido na produção de conhecimento especializado para o País.

Mas não é isso o que se vê. Há senadores e deputados que, interessados em estudar a agenda da Assembléia-Geral, procuram contatos enriquecedores nos meios políticos, intelectuais e empresariais da cidade. Mas esta é a exceção. A regra é outra: a da viagem de recompensa, de premiação, de consolo, antes da viagem de estudos e trabalho. Como poderão dizer que não os presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, depois de terem indicado para a vilegiatura deputados e senadores que não se reelegeram e, portanto, nada poderão acrescentar aos trabalhos parlamentares com a experiência supostamente adquirida na assistência aos trabalhos da ONU? O que poderá argumentar o presidente da Câmara sobre critérios de escolha que fazem incluir seis dos sete titulares da Mesa — inclusive ele mesmo — e dez deputados do PFL, mais de metade de uma delegação de 30, mas não uma representação proporcional das Comissões de Relações Exteriores e Defesa e de Economia? E qual o programa sério de contatos proveitosos se pode arranjar para 39 parlamentares que gozam de toda a liberdade de chegar a Nova York no dia que quiserem?

O Itamaraty custeia, com dificuldades, as embaixadas no Exterior. O dinheiro gasto com esta espécie de turismo parlamentar seria melhor usado no pagamento, em dia, de contas de telefone e de aluguel. A alternativa é transformar alegres viagens de turismo em duras viagens de trabalho.

Parlamentares que não se reelegeram ganham viagem de consolação a Nova York